

RTX (EX-RAYTHEON) PEGA POR CORRUPÇÃO “EXTRAORDINÁRIA”

*Por William Hartung**



RTX.

Quão ruim você precisa ser para receber uma multa de quase US\$ 1 bilhão?

A acusações de contratantes de armas por corrupção e má conduta não são incomuns, mas casos recentemente revelados de conduta ilegal da RTX (antiga Raytheon) são extraordinários, mesmo para os padrões relativamente frouxos da indústria de defesa.

A empresa concordou em pagar quase US\$ 1 bilhão em multas, o que é um dos maiores valores já registrados para corrupção no setor de armas. Para incorrer nessas multas, a RTX participou de aumento abusivo de preços em contratos do Pentágono, subornando autoridades no Catar e compartilhando informações confidenciais com a China.

Envolver-se em conduta ilegal nessa escala sugere que, longe de ser uma aberração, esse comportamento pode ser normal para a empresa. Dada a escala da má conduta da RTX, o Departamento de Justiça deve analisar de perto as práticas de outros contratantes de armas para determinar se essas infrações são padrões da indústria.

A abordagem da empresa lembra a maneira como as empresas de armas faziam negócios na década de 1960, quando, por exemplo, enormes estouros de custos no avião de transporte C-5 da Lockheed Martin atraíram críticas de críticos internos como Ernest Fitzgerald e provocadores do Congresso, como o senador democrata William Proxmire de Wisconsin.

O recurso ao suborno tem sido menos prevalente desde que o senador Proxmire aprovou a Lei de Práticas de Corrupção no Exterior de 1977, que foi uma resposta a

um escândalo maciço envolvendo o suborno de autoridades no Japão, Alemanha, Holanda, Indonésia e Arábia Saudita. A exposição provocada pelo escândalo – que cobriu eventos que remontam à década de 1950 e que não eram conhecidos do público em geral, até que um conjunto de audiências do Senado de 1975 sobre as atividades de corporações multinacionais, mostrou ao mundo como o suborno era usado para influenciar as decisões dos formuladores de política externa. Isso resultou em consequências importantes, incluindo a condenação do ex-primeiro-ministro japonês Kakuei Tanaka, juntamente com outros 10 empresários e funcionários do governo.

Atualmente, com exceção de casos flagrantes como a recente condenação do senador Robert Menendez (D-NJ) por aceitar propinas do governo egípcio, a maioria das empresas de armas é mais sutil em seus esforços para influenciar funcionários de governos estrangeiros, até onde pode ser determinado. Subornos tão flagrantes quanto passar adiante sacos de dinheiro, como aconteceu em vários casos nas décadas de 1960 e 1970, não são mais prevalentes. Agora, os subornos estão escondidos entre os negócios. Por exemplo, uma pré-condição da maioria das principais vendas de armas dos Estados Unidos é a criação de um acordo de “compensação” ou propina. Basicamente, se um país gasta bilhões de dólares em um sistema de armas fornecido pelos EUA, espera-se que a empresa que faz a venda dê algo em troca ao país comprador.

Essas compensações podem incluir coisas como deixar o país anfitrião construir componentes do sistema que está comprando, subsidiar atividades militares como a indústria de segurança cibernética dos Emirados Árabes Unidos ou até mesmo investir em itens não relacionados, como hotéis e locais de entretenimento. Esses acordos são complexos, e o governo dos EUA geralmente dá às empresas envolvidas liberdade para fazer quaisquer acordos que precisem para garantir uma venda de armas.

Essa regularidade permite uma avenida perfeita para ganhar favores com o país destinatário em potencial. Por exemplo, é fácil o suficiente jogar parte de um acordo de compensação para um parente de um membro da elite governante com pouca chance de ser detectado ou responsabilizado.

A história da RTX é sobre mais do que apenas dinheiro. Por exemplo, suas armas foram usadas para matar civis no Iêmen, Gaza e outras zonas de guerra. Além de não mostrar remorso ou arrependimento por sua parte nessas atrocidades, a RTX também está fazendo *lobby* para reduzir a verificação governamental de exportações de armas, uma medida que pode tornar mais fácil armar regimes imprudentes e repressivos.

No caso da guerra saudita no Iêmen, a RTX fez *lobby* agressivamente para bloquear qualquer esforço para cortar o fornecimento de armas ao regime saudita por meio de visitas ao Congresso e coordenação com altos funcionários econômicos do governo Trump, como Peter Navarro.

E pode piorar. À medida em que o orçamento do Pentágono dispara para US\$ 1 trilhão por ano, e as guerras na Ucrânia e em Gaza colocam um prêmio para empurrar armas para fora da porta mais rapidamente, as oportunidades para comportamento corrupto se multiplicarão. Uma maneira potencial de evitar uma nova onda de corrupção na indústria de armas seria adotar os tipos de reformas defendidas pela senadora Elizabeth Warren (D-Massachusetts). Ela endossou mudanças de política que poderiam evitar aumentos abusivos de preços e trabalhar para reduzir o poder e a influência de ex-militares e funcionários do Congresso que trabalham como membros do conselho ou lobistas para contratantes de armas após deixar o governo.

Melhores regulamentações e processos mais vigorosos de suborno e aumento abusivo de preços poderiam muito bem reduzir a corrupção na indústria de armas. Mas a solução final seria reduzir a estratégia militar americana de “cobrir o globo” e resistir à tendência de armar aliados independentemente de seu comportamento. Vemos isso acontecendo agora com a continuação das vendas de armas e ajuda militar a Israel pelo governo Biden, embora a Corte Internacional de Justiça tenha dito que é “plausível” que Israel esteja envolvido em uma campanha de genocídio em Gaza. Quando travar guerras e vender armas são vistos como a estrada real para a segurança global, as empresas podem tirar vantagem da urgência, como o senador Harry Truman descobriu quando presidiu um comitê do Senado sobre lucro de guerra na Segunda Guerra Mundial, e como John Sopko quando atuou como Inspetor Geral Especial para Reconstrução Afegã.

A guerra de Netanyahu é ruim para quase todos — não apenas para as vítimas diretas da violência. As futuras administrações dos EUA descobrirão que o apoio atual e acrítico a Israel tornará seus trabalhos extremamente difíceis quando tentarem apresentar a ideia de que os Estados Unidos são um parceiro confiável que acredita em promover a adesão à “ordem internacional baseada em regras”. Além disso, o povo de Israel descobrirá que sua nação é tratada como um pária por muitos países, incluindo aqueles que recentemente se abriram para desenvolver um relacionamento positivo com Jerusalém. Quanto ao objetivo de eliminar o Hamas completamente, é um tiro no escuro. E mesmo que a organização seja completamente erradicada, uma nova organização pode surgir composta por pessoas que perderam familiares e tiveram suas vidas viradas de cabeça para baixo pela campanha brutal de Israel em Gaza.

A guerra não é ruim para empresas como a RTX. Embora não tenham feito *lobby* por maior ajuda a Israel, elas se beneficiam do caos que vem da guerra e do conflito, mesmo que não sejam a causa primária dessa condição assustadora. Mas se pudéssemos construir um mundo onde a cooperação e a diplomacia suplantassem o uso da força como o primeiro recurso na política externa dos EUA, empresas como a RTX poderiam ver suas receitas reduzidas drasticamente. Desmilitarizar nossa sociedade exigirá que reduzamos o poder e a influência econômica de empresas como a RTX, mas também envolverá uma mudança na atual política externa dos EUA, que coloca a força e o fornecimento de armas acima da diplomacia de senso comum.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

***William D. Hartung** é cientista político, escreve para o *Tom Dispatch* e é pesquisador do Quincy Institute for Responsible Statecraft, onde seu trabalho se concentra na indústria de armas e no orçamento militar dos EUA. Hartung é ex-diretor do Center for International Policy, ex-pesquisador do New America Foundation's American Strategy Program e ex-diretor do Arms Trade Resource Center do World Policy Institute. Ele é especialista em questões de proliferação de armas, economia de gastos militares e abordagens alternativas à estratégia de segurança nacional. Hartung contribuiu para o *Bulletin of the Atomic Scientists*, *The Nation*, *The New York Times*, *The Washington Post* e *Mother Jones*. Participou dos documentários *Hijacking Catastrophe: 9/11*, *Fear & the Selling of American Empire* (2004) e *Making a Killing: Inside the International Arms Trade* (2006).
